

## D. PEDRO

Pela encosta do Líbano, rugindo,  
O noto furioso  
Passou um dia, arremessando à terra  
O cedro mais frondoso;  
Assim te sacudiu da morte o sopro  
Do carro da vitória,  
Quando, ébrio de esperanças, tu sorrias,  
Filho caro da glória.  
Se, depois de procela em mar de escolhos,  
A combatida nave  
Vê terra e vento abranda, o porto aferra,  
Com júbilo suave.  
Também tu demandaste o Céu sereno,  
Depois de uma árdua lida:  
Deus te chamou: o prémio recebeste  
Dos méritos da vida.  
Que é esta? Um ermo de espinhais cortado,  
Donde foge o prazer:  
Para o justo ela existe além da campa:  
Teme o ímpio o morrer.  
Plante-se a acácia, o símbolo do livre,  
Junto às cinzas do forte:  
Ele foi rei – e combateu tiranos –  
Chorai, chorai-lhe a morte!  
Regada pelas lágrimas de um povo,  
A planta crescerá;  
E à sombra dela a frente do guerreiro  
Plácida pousará.  
Essa frente das balas respeitada,  
Agora a traga o pó:  
Do valente, do bom, do nosso Amigo  
Restam memórias só;  
Mas estas, entre nós, com a saudade  
Perenes viverão,  
Enquanto, à voz de pátria e liberdade.  
Ansiar um coração.  
Nas orgias de Roma, a prostituta,  
Folga, vil opressor:  
Folga com os hipócritas do Tibre;  
Morreu teu vencedor.  
Envolto em maldições, em susto, em crimes  
Fugiste, desgraçado:  
Ele, subindo ao Céu, ouviu só gueixas,  
E um choro não comprado:  
Encostado na borda do sepulcro,

O olhar atrás volveu,  
As suas obras contemplou passadas,  
E em paz adormeceu:  
Os teus dias também serão contados,  
Covarde foragido;  
Mas será de remorso tardo e inútil  
Teu último gemido:  
Do passamento o cálix lhe adoçaram  
Uma filha, urna esposa:  
Quem, tigre cru, te cercará o leito,  
Nessa hora pavorosa?  
Deus, tu és bom: e o virtuoso em breve  
Chamas ao gozo eterno,  
E o ímpio deixas saciar de crimes,  
Para o sumir no Inferno?  
Alma gentil, que assim nos hás deixado,  
Entregues à alta dor,  
Anjo das preces nos serás, perante  
O trono do Senhor:  
E quando, cá na Terra, o poderoso  
As Leis aos pés calcar,  
Junto do teu sepulcro irá o oprimido  
Seus males deplorar:  
Assim, no Oriente, de Albuquerque às cinzas  
O desvalido indiano  
Mais de urna vez foi demandar vingança  
De um déspota inumano.  
Mas quem ousará à pátria tua e nossa  
Curvar nobre cerviz?  
Quem roubará ao lusitano povo  
Um povo ser feliz?  
Ninguém! Por tua glória os teus soldados  
Juram livres viver.  
Ai do tirano que primeiro ousasse  
Do voto escarnecer!  
Nesse abraço final, que nos legaste,  
Legaste o génio teu:  
Aqui – no coração – nós o guardámos;  
Teu génio não morreu.  
Jaz em paz: essa terra, que te esconde,  
O monstro abominado  
Só pisará ao baquear sobre ela  
Teu último soldado.

Eu também combati: nus pátrias lides  
Também colhi um louro:  
O prantear o Companheiro extinto  
Não me será desdouro.

Para o Sol do Oriente outros se voltem,  
Calor e luz buscando:  
Que eu pelo belo Sol, que jaz no ocaso,  
Cá ficarei chorando.